

**O CULTO À BELEZA E A HISTERIA: SEUS IMPACTOS PARA A CONSTRUÇÃO  
PSÍQUICA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL**

**THE CULT BEAUTY AND HYSTERIA: ITS IMPACTS ON THE PSYCHIC  
CONSTRUCTION IN THE SOCIOCULTURAL CONTEXT**

Marilei de Souza Costa  
Raimundo Nonato Leite da Silva  
*Acadêmicos do 10º semestre do curso de Psicologia do Centro Universitário  
de Várzea Grande – UNIVAG*

Anna Isabel Araújo Vaz  
*Especialista em Residência Multiprofissional pela UFMT e graduada em Psicologia pela  
Universidade de Cuiabá  
Orientadora e Professora do curso de Psicologia do UNIVAG*

**Resumo:** O ensaio teórico em questão visa propor uma discussão em relação ao culto à beleza e seus impactos psíquicos, acerca da constituição do sujeito na neurose histérica na perspectiva psicanalítica na contemporaneidade. Relação essa que produz consequências psicológicas que advêm da obsessão pela aparência, atrelados a conceitos culturais da imagem ideal como modo de consumo fomentado pelo capitalismo à histeria. Observa-se que na histeria o corpo é exaltado, como se, a presença do corpo fosse responsável em cobrir a falta, esse corpo está no âmbito da satisfação paradoxal, do gozo, da busca da subjetividade. Espera-se com esse estudo contribuir para uma maior reflexão em relação a histeria frente a insatisfação com o corpo, bem como, a relação do sujeito com o consumo e o marco narcísico a partir do capitalismo. Conclui-se a partir das discussões apresentadas neste trabalho que o modo de viver dos sujeitos e os seus anseios e desejos estão ligados fortemente as fantasias criadas a partir do Outro e que o capitalismo é de certo modo peça importante no processo de construção da subjetividade bem como na alienação desse sujeito frente a seu desejo.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Histeria; Consumo; Beleza.

**Abstract:** The theoretical essay in question aims to propose a discussion in relation to the cult of beauty and its psychic impacts, about the constitution of the subject in hysterical neurosis in the psychoanalytic perspective in contemporary times. This relationship produces psychological consequences that result from the obsession with appearance, linked to cultural concepts of the ideal image as a mode of consumption fostered by capitalism and hysteria. It is observed that in hysteria the body is exalted, as if the presence of the body was responsible for covering the lack, that body is within the scope of paradoxical satisfaction, of jouissance, of the search for subjectivity. This study is expected to contribute to a greater reflection in relation to hysteria in the face of dissatisfaction with the body, as well as the subject's relationship with consumption and the narcissistic framework from capitalism. It is concluded from the discussions presented in this work that the subjects' way of life, as well as their desires and desires, are strongly linked to the fantasies created from the Other and that capitalism is in some way an important part in

the process of building subjectivity as well as in the alienation of this subject in the face of his desire.

**Keywords: Psychoanalysis; Hysteria; Consumption; Beauty.**

## **INTRODUÇÃO**

O presente ensaio teórico refere-se a uma discussão sobre a relação entre o culto à beleza e seus impactos psíquicos, acerca da constituição do sujeito na neurose histérica na perspectiva psicanalítica na contemporaneidade. O problema central consiste em explicar as possíveis consequências psíquicas desencadeadas pela busca da imagem ideal na sociedade atual. Com intuito de discutir tais questões, buscou-se apreender as consequências psicológicas que advém da obsessão pela aparência, fazendo uma associação dos conceitos culturais entre o belo e o feio, a qual levou à reflexão sobre os fenômenos sociais do culto à beleza na atualidade.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de ensaio teórico, conforme Montaigne, (2002) que é uma relação permanente entre o sujeito e o objeto, ou seja, a interação da subjetividade com a objetividade dos envolvidos. Seu caráter é inerente ao pensamento autônomo, pois destaca as ideias das pessoas possibilitando uma outra forma de avaliar a compreensão da realidade.

Desde antes de Cristo o corpo é objeto de estudos e discussões, pois o homem em toda sua existência sempre teve dificuldade em visualizar e perceber o corpo como sendo seu, expõem Aranha e Martins (1993).

Ao discorrer sobre a evolução corpórea, observa-se que a percepção do que é o corpo vem mudando de forma sistemática, ou seja, durante a Idade Média o corpo era sinal de pecado, degradação, os homens submetiam as torturas corpóreas como forma de purificação. No fim da Idade Moderna o corpo passou a ser visto como dicotômico corpo/objeto, isto é, físico e biológico passível de estudos e pesquisas. Associava o corpo as leis da natureza, que em outras palavras, não o pertencia, não tinha a liberdade de escolha do seu destino (ARANHA E MARTINS, 1993).

Já no século XX o corpo passa a ser único, a ideia do corpo físico com o corpo espiritual deixa de existir formando um corpo total, sem a distinção entre as partes (ARANHA E MARTINS, 1993). Também nesse mesmo século Del Priori (2009) diz que o corpo passa pelo processo de desnudamento público, estimulado pela mídia e nas praias. Desse desvelamento corpóreo, surge as imperfeições que conseqüentemente são cobertas pelos cremes, colágenos, vitaminas e silicones, tornando sinônimo de luta contra a decrepitude fatal.

Nos dias atuais, os estudiosos afirmam que o corpo é moldado e criado através das relações sociais. O corpo humano é regido pelos valores de uma sociedade, e o capitalismo e os meios midiáticos delinearão tenuamente a beleza ideal, padronizando e nomeando como cultura da vaidade, conseqüentemente ao vazio cultural (MALUF, 2002).

A partir de um corpo protagonista de expressão da beleza feminina, ressalta-se que, a concepção de corpo aqui discutida é a do corpo psicanalítico, ou seja, aquele corpo que transcende o somático e que se articula com a história de cada um.

Ao observar o cenário social da atualidade, é notável o acréscimo de pessoas insatisfeitas com o corpo e a busca desenfreada pela imagem ideal, submetendo-se a inúmeros procedimentos estéticos, consumo de diversos produtos cosméticos e tipos de alimentação tidos como saudáveis. Tais fenômenos passaram a ser polêmicos e muito discutidos entre profissionais da saúde, inclusive pela OMS (Organização Mundial de Saúde), pois são fatores que podem trazer problemas de saúde físicos e psíquicos, tornando-se assim, questões de interesse público.

De acordo com as pesquisas realizadas pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP (2016), o Brasil ainda lidera o ranking em cirurgias plásticas no mundo, perdendo somente para o Estados Unidos. Somente no ano de 2016, foram realizadas 1.472.435 milhões de cirurgias plásticas por profissionais especializados, dentre elas, 57% são estéticas e 43% são reparadoras. Dessa forma, as intervenções cirúrgicas mais realizadas na área estética são de aumento de mama (19%), e na área reparadora a mais realizada são os referentes aos tumores cutâneos (40%). Que destaca um aumento das práticas estéticas de quase 30% são do sexo masculino.

Outro ponto importante a destacar é o crescimento dos serviços relacionados à indústria da beleza. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos-ABIHPEC (2018), juntamente com o Instituto FSB Pesquisa, o Brasil se tornou o terceiro país com o maior mercado de estética no mundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos (16%) e da China (10%). Mesmo a economia brasileira ocupando a 11º lugar no ranking mundial, conforme dados do Fórum Econômico Mundial (2018), o mercado de beleza tende a crescer e a fortalecer cada vez mais. Assim como a ampliação da procura por alimentos taxados por saudáveis como os *diets*, *lights*, suplementos, anabolizantes, entre outros, fixando uma ideologia do ser magro, além de criar possibilidades de desenvolver diversos transtornos alimentares.

Destaca-se também o aumento das academias com treinos excessivos que se dispõem como meio de acesso ao ideal de beleza, que implicitamente prometem a inserção em um curto período à idealização do encontro da imagem do corpo definido. Essas denominações, de certa forma,

revelam-se como via de entrada a várias inquietações psíquicas, no qual, esse modelamento corporal parece expressar a chave e o enigma de um paralelo ao investimento de uma imagem jovem e saudável, mas por outro lado, parece ter se tornado palco de muitos conflitos e questionamentos (SOUZA, 2010).

O mesmo são as inúmeras tatuagens, os adornos como os *piercing*, os cursos de maquiagem, entre outros. Esse processo instaura-se a tirania da perfeição física, pois há uma para participar da sinfonia do corpo magnífico ditado pela cultura midiática. Dessa forma, a identidade do corpo das mulheres na contemporaneidade, equivale-se a tríade beleza-saúde-juventude, cada dia sendo incitadas a se colocarem a serviço de seus corpos, para identificar a sua beleza e se enquadrar nos padrões sociais (DEL PRIORI, 2009).

Diante dos elementos expostos, observa-se uma excessiva preocupação com a imagem perfeita, formando um espaço entre o corpo biológico ao desejo coletivo de aprimoramento do corpo ideal, sem qualquer vestígio de imperfeição. Dessa forma de exatidão ao corpo perfeito, perde-se às vezes o sentido estrutural do seu biotipo, configurando a uma via de entrada para diversas inquietações psíquicas. Em outras palavras, sujeitos alienados ao belo, reprodutores a partir da imagem do outro, assim, o belo passou a ser uma necessidade concreta e o feio um paradoxo. Os atuais discursos engajam formas de sobrepor o eu ideal à soberana relação do desejo de pertencer.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A psicanálise e a histeria**

A psicanálise foi criada pelo neurologista austríaco Sigmund Freud com o objetivo de tratar desequilíbrios psíquicos. Este corpo teórico foi responsável pela descoberta do inconsciente e a partir de então passou a abordar este território desconhecido compreendendo seus mecanismos, e desenvolvendo “ferramentas” a fim de conferir a realidade subjetiva. E com a teoria é possível refletir a humanidade, a concepção do sujeito em dimensões particulares e sociais, ajudando a decifrar aspectos inconscientes e até mesmo entender doenças psicossomáticas.

Segundo Jorge e Ferreira (2002), Sigmund Freud descobriu que o homem é movido por forças que não fazem parte da consciência e que é possível verificar sinais do inconsciente que opera continuamente. O inconsciente apresenta uma realidade sexual, a retirando do que desde Aristóteles pertencia ao campo da bestialidade, desse modo, a sexualidade se tornou, a partir de

Freud, a base da constituição da subjetividade e também da cultura, visto que todas as criações humanas estão ancoradas num desejo sexual indestrutível que constitui o núcleo do consciente.

Dentre esse período de descoberta da existência de um inconsciente operante, Freud adentra nos estudos a partir de casos clínicos para entender a prevalência histérica. No final do século XIX, sob impulso de Charcot e Janet, que obtinha a histeria como “doença por representações”. Freud enveredou neste caminho, porém introduzindo várias modificações, considerando a sintomatologia histérica advinda de conteúdo essencialmente sexual (NASIO, 1991).

Sendo assim, a psicanálise surge a partir das investigações da histeria, ou seja, a histeria passa ser a força motriz da psicanálise (MAURANO, 2010).

Mas afinal, qual a origem da histeria? Como forma o sintoma histérico? Diante das teorias freudianas, toda neurose vem de uma representação psíquica, isto é, inaugura um aparecimento sexual inconsciente e termina com um aparecimento de sintomas histéricos. Nasio (1991) delinea em seu livro três momentos da origem da histeria. A princípio, Freud estava convencido que o doente histérico é aquele que teve uma experiência traumática durante a infância, ou seja, esse trauma sofrido não é de agressões externas, mas o vestígio psíquico deixado por ele, é a marca impressa na superfície do seu eu. Posteriormente, Freud acrescenta que a histeria é provocada por uma defesa imprópria do eu, o recalçamento. Em soma, a histeria é provocada pela incapacidade do eu de neutralizar a representação sexual intolerável, isto é, enquanto essa representação dolorosa é mantida longe, o Eu mantém o trauma psíquico latente. Por isso Freud destaca que o histérico não adoce especificamente pelo trauma, mas sim pela pressão do recalçamento, de um lado tem-se um excesso de afeto e por outro uma defesa infeliz, tornando as representações ainda mais sobrecarregadas (NASIO, 1991).

Freud não satisfeito, propôs uma nova denominação “histeria de conversão”, acredita que a histeria é provocada pelo fracasso do recalçamento. Isso nada mais é que o deslocamento de energia, ou seja, uma transformação de energia de um estado primário para um estado secundário. Assim, ao desarticular o recalçamento (representação intolerável) para uma carga sexual excessiva, gera um sofrimento somático. É essa permanência de um mesmo excesso de energia que justifica as manifestações somáticas de natureza histérica (NASIO, 1991).

A causa principal da histeria, para Freud, está no cenário da fantasia, ou seja, na atividade inconsciente de uma representação superinvestida. Essa cena fantasística é tão real quanto uma cena traumática na realidade, por isso torna insuportável e favorece o aparecimento de angústia. Considera-se que a fantasia da histeria no Complexo de Castração é um fato consumado, isto é,

a menina se vê, percebe a falta do pênis e culpa a mãe. Substitui a mãe pelo pai na esperança de que ele dê o pênis, essa relação de amor e ódio com o pai que faz a menina ter acesso a feminilidade (NASIO, 1991).

Ao passo que a menina vai se tornando mulher, a mãe torna-se sua referência pela decepção da ausência do pênis. Assim, o corpo de outra mulher passa a ser o suporte de identificação imaginária, pois o que tinha era o reconhecimento simbólico paterno, passa então a buscar constante em seu semelhante, ou seja, nos traços femininos algo para suprir a falta. É nesse intermédio que Freud (1931-2006) postula que a estruturação feminina está na relação de mãe-filha. E a partir desse desvio do objeto de desejo entre o pai e a mãe, que levará algumas mulheres a se identificarem imaginariamente com a posição masculina, isto é, indica uma questão de ordem sexual, podendo constituir uma histérica nessa vertente (LACAN, 1956-1998).

Dessa forma geram indagações como “sou homem ou sou mulher”? “O que é ser uma mulher”? Isso ocorre durante a trajetória da constituição do sujeito na histeria. O enigma do feminino é um paradoxo quando aspiradas pela identificação da posição masculina, isso por que é no feminino que a histeria encontra o mais efetivo de si mesma, expõe Maurano (2010).

Entendendo ainda que a mulher histérica é aquela que se vê impossibilitada de realizar seus desejos, isto é, desejos que foram condenados na infância. Sendo assim, submete-se as exigências da cultura e mantém a afirmação de sua estratégia reconhecida pela restrição ao prazer e a pulsão (FARIA, 1993).

Maurano (2010) coloca que todas essas fantasias são inerentes ao desejo de ser feliz. Mas o prazer sobrepõe a realidade desempenhando um papel de insatisfação, gerando inconscientemente algumas indagações relacionadas as questões culturais como: de onde eu vim? Quem eu sou? Para onde eu vou? Essas questões indicam a dimensão enigmática do existir humano e nos remete ao confronto de uma eterna busca, busca por que falta algo. Ao nos constituirmos como sujeito, de alguma forma tentamos responder essas questões, pois a estrutura subjetiva especificamente, é o modo de cada sujeito responder singularmente ao Outro<sup>1</sup> recordando ser alguém a partir dessa referência.

Essa insatisfação do histórico advém do medo, medo de viver a satisfação de um gozo máximo, ou seja, é o medo e a recusa obstinada a gozar que ocupa a vida psíquica do histórico (NASIO, 1991). Dessa forma, a histeria torna-se um fenômeno de massa e esse interesse de Freud

---

<sup>1</sup> Termo utilizado por Jacques Lacan para designar um lugar simbólico — que determina o sujeito. Dicionário de psicanálise. Elisabeth Roudinesco/Michel Plon. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (p. 572).

na mulher passou a ser uma reflexão sobre as consequências da cultura no feminino, formando uma base interrogatória: o que querem as mulheres? (FARIA, 1993).

Dentro dessa percepção, o histérico ao confrontar com a realidade de “quem somos nós”, defensivamente responde “eu sou meu corpo”. Porém o corpo exposto aqui é aquele cuja função orgânica foi dominada pela função sexual. Entretanto, o afeto sendo uma excitação psíquica converte-se em sintoma corporal, essa conversão mantém uma ligação com a vivência traumática no qual incidiu o recalçamento e é a partir dessa conversão somática que se caracterizam os elementos da defesa histérica (MAURANO, 2010).

Observa-se que na histeria o corpo é exaltado, como se, a presença do corpo fosse responsável em cobrir a falta, esse corpo está no âmbito da satisfação paradoxal, do gozo, da busca da subjetividade.

## **2.2 O narcisismo e o estágio do espelho na construção da autoimagem**

Um dos conceitos da psicanálise sobre o entendimento das formas que se constitui a autoimagem está na obra de Freud Sobre o narcisismo (1916). O autor introduz o conceito como a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado, ou seja, o fascínio e o investimento é direcionado a autoimagem, ele também coloca que todos os seres humanos passam por algum nível de narcisismo em seu desenvolvimento.

Em sua obra, Freud (1916-2010) diferencia entre dois tipos de narcisismo: o primário e o secundário. O narcisismo primário preexiste em todos os seres humanos, está presente desde o nascimento. Tal narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido, que é a força motor que faz com que o indivíduo busque prazer no mundo, direcionada em si mesma, porém em algum momento de sua vida, este narcisismo primário é dirigido para o exterior, para um objeto.

Já o narcisismo secundário para Freud (1916-2010) se desenvolve quando os indivíduos direcionam este afeto de objeto de volta a si mesmos. Isto é, após a libido já ter sido projetada para fora há um retorno do investimento em si, pois o mundo carrega a decepção com a realidade e o narcisismo faz com que o sujeito busque evitar o desprazer e retorne seus investimentos em si mesmo.

Freud (1916-2010) mostra que o narcisismo pode ter até duas fontes distintas, a primeira a pessoa é impulsionada por uma necessidade de autopreservação, e a segunda é movida pelos instintos sexuais. Durante a infância estas duas unidades são geralmente as mesmas. Em

essência, quanto mais a libido é projetada para os outros, ou seja, um objeto externo, menos energia existe para si mesma. Ele argumenta que, para o indivíduo e a espécie sobreviverem, há uma necessidade de manter um delicado equilíbrio entre estas duas libidos, o desequilíbrio ocorre quando muita energia é dirigida para dentro do indivíduo, isso tende para uma personalidade que tem dificuldade para se relacionar adequadamente na sociedade.

Freud (1916-2010) expõem uma reflexão sobre comportamento de algumas mulheres, e apontou que em sua maioria eram narcisistas interessadas em auto adoração, pois entende que elas tendem a buscar alguém que poderia manifestar uma admiração por elas, caracterizando a busca centralizada em si, outro exemplo fala sobre pais, que expressam seu amor pelas crianças como uma forma de satisfazer seus próprios desejos narcisistas, que também podem caracterizar o retorno ao narcisismo primário que ressurgem após o nascimento da criança.

Ao lançar-se ou direcionar a libido ao objeto ou pessoa, Freud (1916-2010) afirma que se assimila o ideal do ego, ele explica que quando uma pessoa se desenvolve, ela carrega uma espécie de autocensura, assim, a autoestima se contrapõe a satisfação deste ego ideal, significando que a quantidade de autoestima que se tem depende da quantidade de carinho e amor que se é capaz de derivar do objeto de seu desejo, sendo assim a libido objetual projetada para fora, sem reciprocidade, pode levar a baixa autoestima.

Outro conceito da psicanálise que delinea o entendimento da constituição da autoimagem está na teoria do estágio do espelho apresentada por Lacan após sua releitura da obra de Freud. No texto Sobre o narcisismo (1916), Freud introduz o narcisismo como um ato que corresponde a uma “ação psíquica”, que são determinantes da passagem do autoerotismo para um eu construído.

Lacan (1954-1998), conceitua o estágio do espelho como sendo um tema do Édipo, pois considera-o um formador da função do eu a partir de uma relação especular com o Outro, obtendo a unificação da imagem do corpo. Sendo assim, o estágio do espelho é o momento do prenúncio do Complexo de Édipo, como a criança durante o percurso de maturação experimenta um corpo esfacelado, ela pode realizar a conquista da estruturação do eu a partir da relação de experiência com os cuidados fornecidos a ela, ou seja, se tudo correr bem, ela conquista a imagem do seu próprio corpo tornando uma unidade. Em suma, o corpo próprio só se torna uma unidade pela construção de uma relação com o outro e com o Outro.

Para delinear esse processo de estruturação do eu, essa imagem unificada do corpo, Lacan, (1957-1995), descreve o Complexo de Édipo em três tempos, sendo que o estágio do espelho ocupa sua função no primeiro. Esse primeiro tempo é o momento em que a criança está

assujeitada ao registro do imaginário, isto é, se encontra na fase da confusão, pois não faz uma diferenciação ente ela e o outro, entretanto, é no outro que a criança vivencia a si mesma e se orienta.

Lacan (1957-1995), define o segundo tempo como um ponto nodal do Complexo de Édipo, é aqui que a criança passa pelo processo de identificação, isto é, momento de distinguir entre a imagem do outro e a realidade do outro, em outras palavras, a criança percebe que o outro no espelho não é real e sim uma imagem. E em especial, é nesse momento que a castração se apresenta como uma realidade a essa criança e que instaura a realidade da falta, mas também a possibilidade de desejar. Já a configuração final do Complexo de Édipo está no terceiro tempo, pois é o momento da identificação primordial e é nessa passagem que define o Édipo como ordenador da sexualidade humana, ou seja, a criança reconhece a si mesma, integrando a corpo esfacelado tornando uma unidade. E também assumindo lidar com a falta de um modo simbólico, ou seja, dispondo a eleger objetos que parcialmente representam possibilidades de satisfação, que lidam com a angústia dessa falta constitutiva (FARIA, 2014).

Partindo desta compreensão vemos os dois extremos de uma situação, indivíduo-mundo, Freud e Lacan buscam apresentar o conflito refletindo sobre o desequilíbrio entre essas duas realidades, podendo ser as causas de sofrimento para sociedade, trazendo prejuízos nas relações pessoais.

### **2.3 A psicanálise e a cultura do consumo a beleza**

A partir da construção teórica da obra “O Mal-estar na Civilização, Freud (1930-1996) apresenta uma nova forma de pensar sobre como o sujeito se constitui a partir do recalque e como se a sua cultura, sustentada de uma vida instintual e sexual desviada em seu fim, isto é, o recalque promove a civilização e a civilização produz o recalque, conseqüentemente sustenta a neurose e a cultura.

Freud (1930-1996) expõem ainda que para ter uma ampliação da unidade cultural é preciso que a civilização produza tabus, leis, costumes, entre outros. São a partir dessas imposições, que se cria alienados as necessidades econômicas. E essa comunidade cultural começa o trabalho defensivo nas manifestações da sexualidade infantil, pois na vida sexual adulta seria impossível.

Neste viés, o sujeito percebe que há a falta de algo que outrora fantasiava que tinha, e o que se figura como principal é a sua fuga do desprazer e sua ida ao prazer. Aqui entra o princípio do prazer, que será o principal para esta função da busca da satisfação. Como o sujeito percebe

que é impossível o prazer sem intermediação, uma vez que pode ser provocado por sensações internas, entra aqui o princípio de realidade, que distinguirá elementos externos do interno (FREUD, 1893-1996).

Birman (1999) aponta que sobre o constituir-se no mundo contemporâneo, a rapidez dos acontecimentos ultrapassa a lógica interpretativa do ser humano e que nessa demanda conturbada, o sujeito vê-se no desamparo. A partir desse processo emerge um novo social, ou seja, fragmenta-se a subjetividade e marca-se uma nova forma de subjetivação, privilegiando o eu.

Tudo que está presente na cultura, principalmente no que diz respeito ao comportamento das pessoas, foi articulado de certo modo por um discurso, como por exemplo o discurso médico, da psicologia, do belo, da felicidade entre outros. O discurso é um botão de inclusão e de exclusão e, em cada época rege o que se pode e o que não se pode, por isso o discurso prevalente em cada época é o que produz o laço social, ele é quem é capaz de produzir sentido na forma de saberes e dizeres, e indica a posição do sujeito na estrutura social (PISETTA, 2016).

Em relação a modificação do corpo na perspectiva cultural é possível encontrar apanhados na literatura sobre tais modificações. Sendo assim, se voltássemos ao passado na história antiga, até mesmo na idade média, perceberíamos que a cultura sempre foi um propulsor que orientou o modo como as pessoas enxergam o fenômeno da beleza. Na Grécia havia a ideia de um corpo bem parecido do que se idealiza hoje. Nesse período desejava-se um corpo forte e cheio de músculos. Já na idade média tinha-se uma outra idealização do corpo, pois era usado para diferenciar as funções sociais (BARBOSA, MATOS E COSTA, 2011).

Ao longo dos tempos foram criados diferentes modos de ver os corpos e de modifica-los. Todo esse modo pode-se dizer que foi orientado pelo discurso da beleza, alicerçado pela medicina e pelo desejo de pertencer. Nesse sentido, essa orientação produziu de certo modo uma metamorfose dos corpos, levando as pessoas a grandes intervenções através das cirurgias plásticas, chegando até a retiradas de costelas e outros ossos na tentativa do corpo perfeito (DANTAS, 2011).

Segundo Del Priore (2009), a beleza virou uma prática corrente condicionando para relações sociais, nos invadindo no cotidiano pela mídia, usando a televisão e outros meios, exercendo uma ideologia de beleza perfeita, utilizando de intervenções cosméticas e cirúrgicas disponíveis no mercado. A saúde, juventude e beleza, segundo a autora, são modelos de conceitos das sociedades ocidentais, utilizando tecnologias para aperfeiçoarem o corpo, se

expondo cada vez mais em veículos de mídias e fazendo assim com que a indústria de cosméticos cresça incessantemente para satisfazer as pessoas com desejos de perfeição do corpo.

Para Kehl (2008), o mundo da propaganda e publicidade desencadeou o inconsciente do indivíduo a trabalhar para ganho do lucro. A publicidade utiliza de imagens eficazes captando o desejo inconsciente para um objeto que possa satisfazer o desejo do sujeito sem ele perceber que foi usado inconscientemente a favor de lucro do capitalismo, porém a satisfação prometida do objeto não satisfaz os desejos, trazendo muito mais ganhos ao mercado. O corpo e beleza na contemporaneidade são ditados pela cultura como sendo uma mercadoria, trazendo a ilusão da falta de algo. Através da lógica da mercadoria, impossibilita o sujeito a satisfazer suas vontades gerando assim um ideal de capitalismo inconsciente.

As pessoas se camuflam de brilho fálico no qual incide sobre a imagem do corpo, auxiliado pelo fetiche das mercadorias. A sociedade contemporânea se espelha, e se reconhece também como uma unidade através da mídia. Nesse sentido, podemos pensar que aquilo que está na televisão, nas mídias sociais, é o que imaginariamente ocupa o lugar do Outro e vai estabelecer falhas no funcionamento da sociedade, a produção de um sintoma que reflete o mal-estar na sociedade. Essa cultura de consumo impulsionada pelas mídias conduz os sujeitos ao desenvolvimento de uma personalidade narcisista, em uma excessiva exaltação do corpo e da imagem do corpo. O sujeito se coloca obrigado a “ser” através da imagem do corpo (FILHO, 2005).

#### **2.4 A histeria e o consumo da beleza**

Pode-se dar historicidade a histeria e a questão do corpo para a psicanálise através dos discursos das históricas obtidos por Freud, discursos estes marcados pelo contexto da época e que possibilitou elaborar reflexões sobre as consequências da cultura para a feminilidade (FREUD, 1932-2006). A partir dessa concepção, surge dois perfis sociais da mulher freudiana. A priori tem-se uma figura feminina subjugada, frágil, dependente, passiva, destinada ao casamento e a maternidade em que no âmbito sociocultural era impedida de exercer funções fora do lar, ficando excluída do mundo produtivo. E que na esfera sexual, eram impedidas de demonstrar qualquer tipo de desejo, pois eram subjugadas à figura masculina (SOLER, 2005).

Ao mesmo tempo em que Soler (2005) afirma a existência dessa mulher impossibilitada de realizar seu desejo, que tem o seu corpo sexualizado marcado pelo anseio de gozo. Também havia as mulheres desejadas e temidas, que transgrediam as normas sociais e desconstruíam o ideal da feminilidade da época, saindo da posição de caráter reservada e submissa.

É natural que para a psicanálise, discutir o corpo será uma questão primordial na histeria. Pois, entende-se que o corpo é uma base fundamental para a constituição histórica e no modo de expressão do inconsciente, já que é através dele que organiza e expressa a sexualidade (FREUD, 1932-2006). Haja visto, que o corpo na histeria também é aquele construído pela cultura, é o corpo desejante que se estabeleceu na infância, o erógeno que se confunde com seu próprio psíquico, que produz jogos de linguagem, que guardam segredos a serem revelados, cujo signos edípicos e da castração sobrepõem as marcas orgânicas (GARCIA-ROZA, 1995).

No que tange a constituição histórica, Freud (1932-2006) postula que no Complexo de Édipo na menina existe um período antes do pai, um pré Édipo, em que a menina devota o amor à sua mãe, mas que na constatação da castração a menina muda os seus pedidos de amor ao pai e adentra do Édipo, em uma busca fálica. Esse nega a ela pedido, e no medo da perda do amor por ter sido feita na falta, a menina sai do Édipo, em busca de algo que possa lhe fornecer o objeto fálico. Nessa transformação, o corpo feminino pode sofrer uma elevação do autoinvestimento, um tipo de compensação narcísica, que está ligada a busca fálica (FREUD, 1932-2006).

Lacan considera que a constituição da histeria se dá a partir do gozo do Outro, em que esse corpo pode ser colocado como objeto a serviço da satisfação de Outro, um corpo como imagem. O espelho transfere a imagem do corpo, mas, essa imagem não é própria e sim a do outro, a do meu semelhante, pois só se consegue perceber o corpo fora dele, a partir das fantasias. Para Lacan a histeria também é consequência do atravessamento pela castração simbólica que pode inscrever o sujeito como ser desejante, e que pode transformar a falta em um “tesouro de encontros”. E podemos afirmar a mídia e consumo como aliadas representativas desse conceito (NASIO, 1991).

Na lógica capitalista o corpo feminino é exaltado e valorizado como objeto de gozo fálico, isto é, o corpo passou a ter um investimento libidinal com intuito de exibi-lo como objeto de consumo. Dessa forma, para responder essa sociedade de consumo põe-se que é preciso manter o ideal da beleza e da juventude a todo custo, sem se importar com os possíveis transtornos psíquicos. Entende-se que essa busca pela perfeita feminilidade, é uma forma de mascarar a falta, ou seja, uma manobra para evitar o contato com a castração (FREUD, 1932-2006).

Essa relação entre mulher e imagem são incontestáveis, pois os traços do andar, da voz, das atitudes, do olhar, não bastam para afirmar a identidade feminina para a histórica. O que de fato representa sua identidade são os adornos, colares, chapéus, óculos, roupas, sapatos, entre

outros, no intuito de distanciar da falta. Um ponto profícuo para perpetuar a loucura do capital (POMMIER, 1991).

Dessa maneira, na sociedade capitalista contemporânea, ter um corpo na posição insatisfeita, faltosa, possibilita criar modos de vida que sobrepõem paradoxalmente essa insatisfação, ou seja, oferece o consumo da perfeição do corpo como um fenômeno de “tudo pode”. Essa busca incessante pelo corpo ideal os reduz ao mal-estar na cultura, aumentando cada vez mais os lucros das indústrias de beleza e as práticas estéticas (GÓES, 1956-2008).

Em sua obra *O mal-estar na civilização*, Freud (1930-1996), ajuda a entender o sujeito na condição de mal-estar da cultura, apresentando três fontes que aprofundam essa necessidade cultural de consumo, que são: a decrepitude do próprio corpo, a força da natureza e a dificuldade de estabelecer relações interpessoais. Freud acreditava que esta última fonte é a que cria a necessidade da cultura, que também pode sustentar a busca por felicidade, relacionada ao querer ser belo aos olhos dos outros, mesmo sem se proteger da ameaça do sofrimento. Góes, (1956-2008) afirma que na sociedade capitalista, subentende-se que a fantasia em buscar incessante um corpo ideal, está ligada a redução desse mal-estar.

Hoje a histeria pode se atrelar ao fenômeno de massa, quando se conjuga com as caricaturas da feminilidade. Essa expressão foi devido a histórica histerizar o mundo a sua volta, erotizando qualquer expressão humana, acentuando um desejo incansável e incessante. A partir disso, temos a imagem corporal tornando representações para o reconhecimento estético, saúde, bem-estar, fama, entre outros. Porém, a sociedade capitalista omite que esse desejado ideal é inatingível, pois o sujeito está na condição de um mero executor das normas de consumo (GÓES, 1956-2008).

Góes, (1956-2008) expõem que assim como Freud, Lacan posteriormente percebeu que as inscrições do corpo feminino pertencem ao campo da linguagem, pois não possuindo um corpo próprio, constrói para si um corpo simbólico a partir da imagem e ideal socialmente desejável, ou seja, seu corpo tem algo do Outro, desse modo sofre os efeitos do discurso. Em muitos casos as mulheres não conseguem simbolizar esse incômodo, por que o saber sobre si foi retirado, demasiadamente repete a lógica do gozo incessante.

No contexto do capitalismo de consumo a mídia atua como esse Outro, crescendo a erotização dos corpos e ocupando cada vez mais o lugar de objeto de desejo. No entanto, elas utilizam-se da estética para alcançar o corpo ideal, e na verdade, é mais uma medida para contornar a feminilidade contemporânea. Ou seja, a histórica freudiana e a mulher contemporânea continua utilizando o corpo no lugar da palavra (SOUZA, 2010).

Diante dessa perspectiva, vimos que a estética corporal está vinculada a diversas formas de sociabilidade, impondo ordens reguladores com olhares fiscalizadores e minuciosos sobre a aparência com o aval da cultura midiática, que contribui para determinar padrões de beleza e regulamentar diferenças em termos daquilo que é próprio e impróprio, adequado e inadequado. Essas características do controle da aparência traduzem-se em julgamentos morais e significados sociais, desenvolvendo inquietações psíquicas (NOVAES, 2004).

Novaes (2004) diz ainda que nesse mundo utópico, onde a beleza definitiva é inexistente, passa a ser um local adoecido, com sujeitos propícios a diversos tipos de transtornos, como por exemplo a compulsão alimentar, na maioria das vezes essa compulsão não está no alimento ou na recusa, mas naquilo somado ao corpo que provocará o olhar do outro.

Nada é mais cruel do que lutar com um inimigo implacável e inexorável, que é a ação do tempo, mulheres adoecidas lutam para manter-se jovens e belas, enlouquecidas consumindo compulsivamente produtos com intuito de retardar esse terror que abate a feiura, trazendo uma série de prejuízos sociais, físicos, psicológicos. Produzindo um conjunto de inquietações que se manifestam com relação ao sujeito e ao seu próprio corpo (NOVAES, 2001).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que motivou a iniciativa do presente trabalho, foi a observação do cenário atual de supervalorização da imagem e do aumento de consumo em beleza em que a sociedade contemporânea se encontra, relacionando essas questões aos seus desejos e anseios individuais e coletivos. Afinal, muitas são as pessoas, em especial as mulheres, que se apresentam insatisfeitas com seus corpos, e que disponibilizam esforços grandiosos para alcançar uma imagem ideal do corpo. E diante dessas questões do desejo na atual sociedade em relação a imagem, é que foi proposto o ensaio teórico.

Em especial é possível fazer uma relação muito profunda da histórica frente a insatisfação com o corpo, visto que há uma marca constitutiva nesse tipo de estruturação, bem como a relação do sujeito com o consumo e o marco narcísico a partir do capitalismo. E que permite discutir as consequências psicológicas proveniente da marca pelo corpo ideal. Em razão de uma excessiva preocupação com a imagem do corpo, que pode ser capaz de produzir sujeitos alienados ao Outro pela vertente do belo, contribuindo assim para diversas inquietações psíquicas.

Espera-se com esse estudo contribuir para uma reflexão acerca da busca por um padrão de beleza que muitas vezes é inatingível. Pois observa-se a impossibilidade de satisfazer um corpo histórico, por sua inabilidade constitutiva enquanto ser sexual. Visto que o sujeito se

constitui a partir da imagem e das nomeações do Outro, o que pode gerar uma dependência psicológica, ao necessitar ser validado para que tenha autoestima. Dessa maneira, a condição humana pode ficar à mercê da imposição do meio, gerando uma acentuada instabilidade emocional.

Sabe-se que o corpo culturalmente é posto como posição central do sujeito para se realizar e obter conquistas, uma vez que atinge o padrão desejado de beleza é possuidor de valor e predicativos positivos. Assim sendo, podemos incumbir responsabilidades a mídia e a publicidade, pois inserem ideias do corpo ideal como forma de condição social e afetiva?

Conclui-se a partir das discussões apresentadas neste trabalho que o modo de viver dos sujeitos, bem como seus anseios e desejos estão ligados fortemente as fantasias criadas a partir do Outro e que o capitalismo é de certo modo peça importante no processo de construção da subjetividade bem como na alienação desse sujeito frente a seu desejo.

## REFERÊNCIAS

ABIHPEC. Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos – e Instituto FSB Pesquisa. O fortalecimento do mercado da beleza. Pesquisa realizada pela revista EXAME. 2018.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna. BRUHNS, Heloisa T. (org.). *Conversando sobre o corpo*. 3. ed. Campinas: Papyrus Editora. 1993.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicol. Soc. Florianópolis*, v. 23, n. 1, p. 24-34, Apr. 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01027182201100010004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01027182201100010004&lng=en&nrm=iso)>

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

DEL PRIORI, M. *Corpo a corpo com a mulher. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil* (2a ed.). São Paulo: SENAC São Paulo. 2009.

DANTAS, J. B. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. *Estud. Pesqui. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 898-912, dez. 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180842812011000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812011000300010&lng=pt&nrm=iso)>.

FARIAS, F. R. de. Histeria e Psicanálise, o discurso histérico e o desejo de Freud. Rio de Janeiro, Revinter, 1993.

FARIA, M. R. Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo de Freud e Lacan. 3ª Edição. Taubaté-SP: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2014.

Fórum Econômico Mundial – FEM. (WEC – World Economic Fórum). Agência Brasil. 2018.

FILHO, R. A. P. O capitalismo neoliberal e seu sujeito. Mental, Barbacena, v. 3, n.4, p.155173, jun. 2005. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272005000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272005000100011&lng=pt&nrm=iso)>

FREUD, S. [1893]. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação Preliminar. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume II. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. [1916]. Obras completas - Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Trad. Paulo César de Souza, volume XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. [1930]. O mal-estar na civilização. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. [1931]. Sexualidade feminina. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão, volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_. [1932]. A feminilidade. In Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. J. Salomão, Volume XXII. Rio de Janeiro: Imago. 2006.

GARCIA-ROZA, L. A. [1936]. Introdução à metapsicologia freudiana. Artigos de metapsicologia: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente (7ª ed., Volume III). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995.

GÓES, C. [1956]. Psicanálise e Capitalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. Freud: criador da Psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2002.

KEHL, M. R. A fratria órfã: conversa sobre juventude. Olho d'Água. São Paulo, 2008.

LACAN, J. [1956]. As psicoses. Trad. Vera Ribeiro, Livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

\_\_\_\_\_. [1957]. O seminário. Livro 5. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. [1954]. Os escritos técnicos de Freud. Trad. Vera Ribeiro, Livro 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998.

MALUF, S. W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. Dossiê, corpo e história: esboços – revista do programa de pós-graduação em história da UFSC/2001, Chapecó, 2002.

MAURANO, D. A histeria: ontem, hoje e sempre. Org. Nina Saroldi. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MONTAIGNE, M. Os ensaios, Livro I. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

NASIO, J. D. A histeria, teoria e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

NOVAES, J. V. Perdidas no Espelho? Sobre o culto ao corpo na sociedade de consumo. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2001.

NOVAES, J. V. Sobre o intolerável peso da feiura: Corpo, sociabilidade e regulação social. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 2004.

Organização Mundial de Saúde - OMS. disponível em: <https://www.who.int/eportuguese/publications/pt/>

PISETTA, M. A. A. M. Discurso e gozo: Psicanálise e sociedade. Ágora. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 21-33, Apr. 2016. Available from

<[Http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151614982016000100021&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982016000100021&lng=en)>  
POMMIER, G. A exceção feminina. Os impasses do gozo (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1991.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1944. Dicionário de psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP. Cirurgia plástica no Brasil. Pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha. Recuperado em 15 setembro 2016 do site da SBCP: <http://www.cirurgiaplastica.org.br/publico/pesquisa2016.ppt>

SOLER, C. O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

SOUZA, K. C. V. O feminino na estética do corpo: uma leitura psicanalítica. Dissertação de mestrado, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2010.